

O último shabat no movimento

ABRÃO SLAVUTZKY

Por que aquele *shabat** seria diferente de todos os outros, só eu sabia. Na aparência, estava tudo igual: todos vestidos de azul e branco, as velas acesas, a bênção tradicional e a leitura de uma passagem bíblica. O trecho escolhido, mais uma vez, fora “O vale dos ossos secos”, capítulo 37 de Ezequiel: “Homem mortal; será que esses ossos poderão ter vida de novo?. Com frequência, lia-se essa triste história de mortes, uma leitura sionista, como se o Profeta estivesse se referindo ao renascimento de Israel na atualidade. Mas naquela noite as palavras bíblicas sobre a morte me tocaram de forma especial. Não era uma noite igual a todas as outras: aquela era uma noite que não se repetiria mais — senti a presença da morte, pois eu sabia que seria meu último *shābat* no movimento. Fora uma decisão difícil, precedida por meses e meses de dúvidas — afinal, toda a minha história se passara na *tnuá**, que comecei a frequentar aos 4 anos de idade, levado por minha irmã Bluma¹⁵¹ e meu primo Chico¹⁵², e que agora, aos 20, estava abandonando.

Durante os 16 anos em que estive na *tnuá*, integrei os diferentes grupos que se reuniam por idade. Fui *madrich**, integrei a *mazkīrut** e conheci *chaverim* de todo o Brasil; com efeito, o *Ichud* era minha segunda família. O aprendizado desses anos todos, da infância até o início da vida adulta, foram decisivos em minha formação cultural e psicológica, moldando parte substancial de minha identidade. Tudo isso eu recordava naquele fim de semana em que preparava o espírito para anunciar minha irremediável despedida, pois não me sentia mais identificado com o sionismo e a vida no *kibutz*.

¹⁵¹ Beatriz Koster fez parte do sexto *garin* que se estabeleceu no *kibutz* Bror Chail em 1958. Após alguns anos, saiu do *kibutz* e foi morar em Haifa, onde dirige seu jardim de infância até hoje. Durante muitos anos no movimento, eu fui conhecido como o irmão da Bluma.

¹⁵² Oscar (Chico) Zimmermann também fez parte do sexto *garin*. Intelectual, tratorista, estudou filosofia na Universidade de Tel Aviv, completou seu doutorado pouco antes de falecer, em 2008. Veja suas reflexões nesta coletânea.

A primeira crise que tive no movimento ocorreu aos 17 anos, quando pensei pela primeira vez em sair. Durante meses me distanciei das atividades, e já não estava tão seguro do projeto de fazer *aliá**. Começava a me identificar com a esquerda brasileira, isso logo após o golpe militar de 1964, um golpe que me acordou para o Brasil. Escrevi, então, uma crítica ao sionismo, pois ele nos afastava da realidade brasileira e mundial. Esta rebeldia foi ajudada também ao conhecer o método de alfabetização de Paulo Freire, que comecei a estudar e praticar nas vilas de Porto Alegre em inícios de 1964, pouco antes do golpe. Na época, fui acusado pela *mazkirit* de prejudicar as atividades do movimento. Eles tinham razão, mas eu também; havia era uma divergência de interesses, pois os problemas sociais do País também me interessavam naquele momento e já não somente a questão judaica. Minha identidade de brasileiro irrompia em mim com uma força até então desconhecida, que com o tempo só faria crescer.

Voltei à *tnuá* após alguns meses, apesar das dúvidas, e o fiz não por ter me convencido da ideologia, mas porque senti falta do convívio com os amigos de tantos anos e da cultura judaica. Logo fui indicado para ser o secretário-geral da *mazkirit* de Porto Alegre, um dos raros cargos institucionais que ocupei em minha vida, felizmente. Foi um ano de muito trabalho, em que integrei um grupo inesquecível de *chaverim*. Até hoje lembro com satisfação aquele 1965, especialmente a fraternidade no trabalho. O sionismo socialista, se dependesse daquele ano de trabalho, poderia ter dado certo! De sorte que a vontade de sair fora aplacada, mas só por um par de anos: a questão de ser brasileiro reapareceu e se revelou mais forte do que eu imaginara. Assim, em 1966 entrei na faculdade de medicina e na metade de 1967 decidi sair do movimento — naquele momento, estava definitivamente mais ligado ao Brasil.

Eis que então chegou ao fim o último *shabat* e não quis ficar para conversar, como sempre fazia; fui logo para casa, pois estava abatido. Teria ainda de lá voltar no sábado à tarde, e só no domingo à tardinha, na reunião do grupo dirigente, comunicaria minha decisão. Demorei a dormir naquela noite de sexta; fiquei a lembrar dos sonhos por tantos anos acalentados de viver uma vida socialista em um *kibutz*, num clima de absoluta igualdade. Havia planejado terminar a faculdade de medicina e depois fazer *aliá* e estudar psiquiatria em Israel. Creio que, ao dormir, essas ideias reapareceram num sonho, mas não lembro mais detalhes do que sonhei e não quero fazer muita ficção... ou já estou fazendo, não sei. Agora, ao escrever a palavra ficção, pensei no que vivi durante a vida no movimento, o quanto tudo teve de ficção, de imaginação nos desejos de construir uma sociedade justa e nova. Nossa capacidade de acreditar nas fantasias era incrível; vivi naquela época e depois ainda o sonho de um mundo novo, um mundo de paz e de plena justiça. Nunca me arrependi do entusiasmo daqueles tempos, do amor ao povo judeu, da fé no socialismo e da convivência fraterna, mas aos poucos fui aprendendo que o *homo* não é apenas *sapiens*, mas também *demens*; com efeito, a loucura humana é poderosa, sobretudo quanto à crueldade. Entretanto, olhando para trás eu penso que os sonhadores de um mundo melhor são mais felizes, pois a vida é mesmo um sonho.

Ao acordar na manhã de sábado, lembrei dos devaneios noturnos e do sonho, consciente de que já não viveria num *kibutz* e de que talvez não fosse para Israel. O restante do dia transcorreria meio vazio; eu estava inquieto, não sabia como ficaria minha vida sem o movimento, sem preparar as palestras, sem conversar com os amigos e sem conviver com a turma toda do Brasil. Sentiria falta de estar à frente do jornal nacional *Igueret Lachaver*¹⁵³. Como se isso não bastasse, angustiava-me com a reação que teriam os amigos da *mazkirut*, pois imaginava que se incomodariam muito com minha decisão, me olhariam como um traidor, como se pensava, normalmente, dos que saíam. Enfrentar esse momento me inquietava, estava deixando a *tnuá* poucos meses antes de viajar para Recife, onde faria algumas conferências. Já havia viajado para Curitiba meses antes, e lá tivera a oportunidade de falar sobre a guerra do Vietnã, Ho Chi Minh, Gandhi; enfim, estava mesmo me afastando do mundo judaico e sionista. O paradoxo é que foi no movimento que tive os estímulos culturais que me infundiram um crescente interesse pelo mundo. Aliás, tive o privilégio de conviver com jovens de minha idade e outros mais velhos que liam muito. E os debates sobre política, história, artes eram tão estimulantes que nos obrigavam a ler mais e mais.

Naquele sábado à tarde fui ao *snif**, onde vi os *tzofim* e *solelim*¹⁵⁴, que constituíam as novas gerações, e os *bonim** já *madrichim*. Durante anos lhes havia ensinado os deveres de um judeu, a importância de se fazer *aliá* para ajudar na reconstrução da terra de nossos antepassados, como era necessário que fôssemos todos coerentes, e agora estava saindo. Não que eu fosse obrigado a seguir um caminho que já não correspondia a meu pensamento, mas porque mesmo eu havia mudado tanto, a ponto de abandonar o caminho sionista, ainda era um enigma. Talvez a vida na faculdade, o despertar cada vez maior pelo país em que vivia, a vontade de viver onde nascera, tivessem abalado minhas convicções do passado. Definitivamente, aquele não foi um sábado alegre. À noite, demorei a dormir, oprimido pelo domingo decisivo que se avizinhava. Em meio às horas de vigília recordei, como num filme, uma sucessão de cenas do movimento, a primeira das quais foi uma noite de debate acerca do padre Daniel.

Fora um júri simulado inesquecível sobre o famoso sacerdote, que, sendo judeu, havia sido salvo por uma igreja cristã durante a Shoah. Converteu-se então ao cristianismo e quis entrar em Israel pela Lei do Retorno, durante a década de 1950, o que gerou debates sem fim no mundo todo. Israel negou-lhe esse direito. E naquela noite, diante de três *chaverim* que defendiam a tese de que ele era judeu, consegui demonstrar historicamente que não o era mais, pois ao converter-se havia rompido historicamente com o povo judeu, que sempre havia sido perseguido e muitas vezes morto pelo cristianismo. Minha tese saiu vitoriosa – afinal, o movimento era sionista –, e Jayme Zimmerman

¹⁵³ *Igueret Lachaver* (lit. heb, missiva ao amigo). Jornal semanal ou bimensal, criado por Philip Kraun, secretário-geral do movimento no período 1966-1970.

¹⁵⁴ As duas camadas mais jovens do movimento. Os *tzofim* (vigilantes) tinham entre 9 e 11 anos e os *solelim* (aplanadores de terra), entre 12 e 13.

(Zamir)¹⁵⁵ e Ruben Oliven¹⁵⁶ me concederam o diploma de “Defensor dos Valores Judaicos”, que infelizmente perdi. Anos atrás, li sobre como Daniel, o israelita judeu-cristão, morreu em Haifa e, mesmo após sua conversão, seguira sendo judeu, pois nascera judeu e, portanto, pelos preceitos que regem a vida judaica (*halachá*), seguia sendo judeu. Além disso, o fato de ter sido salvo da morte por religiosos cristãos, ainda criança, tinha de ser contabilizado em seu favor. Mas aí já não havia júri simulado para eu flexibilizar minhas convicções, tampouco movimento para debater; em todo caso, pensei no quanto a gente muda com o tempo. O tempo também revelou que muitas das verdades que defendíamos com muita convicção não eram tão certas assim; o aspecto maravilhoso do *kibutz*, de Israel e do mundo ficou distante do que idealizamos. A realidade não se mostrou à altura de nossos sonhos, mas eu não me atreveria a dizer, como um filósofo famoso, que, se a realidade não estiver de acordo com o que penso, pior para a realidade. Neste ponto, aprendi a ser espinosista: não rir, não chorar, não detestar, mas compreender. Ainda estão vivos o desafios de entender o homem em todas suas loucuras e sabedorias.

O movimento era um espaço de certezas; nós, judeus, adoramos debater e mais ainda ter razão. Os livros marxistas eram estudo obrigatório para as discussões, não menos que autores como Paul Sweezy, Wright Mills — de quem *As causas da Terceira Guerra Mundial* muito me assustou — e os sionistas socialistas Ber Borochov*, Aharon David Gordon*, entre tantos outros. E também o impressionante Theodor Herzl, o incrível Achad Haam. Líamos ainda Romain Rolland, Anton Tschekhov, Scholem Aleichem, Erich Fromm e muitos mais. E na recordação dos momentos marcantes da *tnuá*, lembrei especialmente o ano de 1963 em Tel Aviv, quando fui indicado para ser o representante da *tnuá* brasileira num Congresso Sionista Mundial presidido pelo histórico líder Nahum Goldman. Entre as grandes experiências daqueles dias, a mais emocionante foi escutar a conferência de uma líder guerrilheira, sobrevivente do Gueto de Varsóvia. Nunca esqueço suas palavras: “Enquanto viajava para este encontro, pensei comigo: ‘para que falar, se todos os meus companheiros já morreram?’ Mas fui escolhida para ficar viva e contar o que passou em Mila 18¹⁵⁷ e no Gueto, e por isso estou aqui e devo falar”. Jamais pude esquecer essa mulher vestida de preto e falando com emoção e tristeza. Muitos anos depois, escrevi e organizei um livro sobre os 60 anos do Gueto de Varsóvia¹⁵⁸.

Finalmente, consegui dormir. Na manhã de domingo, estudei para alguma prova da faculdade, talvez a tediosa fisiologia, já não lembro. Cursava o segundo ano e

¹⁵⁵ Veja suas memórias nesta coletânea.

¹⁵⁶ Ruben Oliven fez Machon* em 1965. Doutor em sociologia urbana, pós-doutorado em antropologia e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Autor de diversos livros, entre os quais *A parte e o todo*.

¹⁵⁷ Uma das ruas do Gueto de Varsóvia e local onde se reuniam os chefes do movimento clandestino armado que realizou a revolta do Gueto nos meses de abril-maio de 1943.

¹⁵⁸ *O dever da memória – O levante do Gueto de Varsóvia*. Prefácio: Moacyr Scliar, Porto Alegre, AGE Editora, 2003.

estava envolvido com os estudos, com a política estudantil — havia me aproximado da esquerda estudantil que protestava contra a ditadura. A tarde demorou a passar, e fiquei horas mergulhado nas imagens do passado, cogitando talvez voltar atrás e não sair da *tnuá*. Ainda havia tempo para recuar de minha decisão, tanto mais que não a revelara a ninguém. Durante os 16 anos em que estive no *Ichud*, percebi que aqueles que partiam eram invariavelmente malvistas pelos que ficavam, como se traidores dos ideais sionistas socialistas. Ao mesmo tempo, eu sabia que não era possível manter-se como um dos líderes mais velhos sem estar identificado com o ideal do *kibutz*. Percebia que sentiria muita falta dos amigos, do tênis de mesa, das saídas nos sábados à noite, dos encontros nacionais — angustiava-me sobretudo saber que decepcionaria a tantos que confiaram em mim. Não podia compartilhar com ninguém minhas inquietudes; sabia que precisava decidir a questão sozinho, e só pensava na hora em que comunicaria a todos que estava saindo da *tnuá*, que minha decisão era irreversível e que partia para não mais voltar.

Eis que enfim chegou a tardinha, e fui para minha última reunião do *Ichud Habonim*. Havia várias coisas para discutir, mas pedi logo a palavra, pois não queria esperar até o fim do encontro para dar a notícia. Estava incomodado — triste, para ser mais exato; afinal, comunicar minha despedida de um grupo que fora minha segunda família não era nada agradável. Havia sido *madrich* de três ou quatro que estavam na reunião, *chaver* de um, e eles não imaginavam que eu sairia. Gostava muito do *Ichud*, deles todos, e, apesar disso, estava saindo. Nunca me arrependi da decisão, mas doeu-me na hora, como a dor de uma separação amorosa. Por que saí? Estava na faculdade, já pensando no futuro, além do que a luta contra a ditadura brasileira alcançara seu auge naquele ano de 1967, e aos poucos fui me integrando a esse novo caminho político. Alguns anos após minha saída, a questão de ir ou não para Israel voltaria a me angustiar — a dúvida entre ser ou não ser sionista me perturbava pela última vez; afinal, toda a minha família já vivia em Israel. Mas felizmente resolvi minha questão hamletiana optando por viver na mesma cidade em que nasci, Porto Alegre.

Os anos de 1967-1968 foram tempos de passeatas contra a ditadura, de amigos presos, das ações guerrilheiras que tanto nos impressionavam. O entusiasmo com o jornal *Pasquim*, leitura obrigatória daqueles tempos, que nos fazia rir e gozar os militares, e perceber que havia um Brasil pensante e crítico, estimulava-nos na luta contra o regime. Particpei em 1969 da organização do famoso Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), realizado em São Paulo, onde teve lugar o encontro nacional, e centenas de estudantes foram presos. Em seguida, vieram os anos de chumbo, tempos cinzentos, de recrudescimento da repressão política. Fecharam-se os centros acadêmicos de esquerda, os sindicatos, até mesmo o *Pasquim*. A oposição ao governo fora silenciada e muitas vezes para sempre.

Terminei a faculdade em 1971 e já havia decidido ir para Buenos Aires fazer psiquiatria e psicanálise. No final do ano seguinte, já fixado em Buenos Aires,

cogitei em fazer *aliá* com os familiares e cheguei mesmo a escrever para um psiquiatra argentino que migrara para Israel. Após meses de dúvidas, percebi que, apesar da saudade dos familiares, gostava da vida na capital portenha. Abrir-me para o Brasil em 1967, para a América Latina, me afastou do *shtetl** psicológico do Bom Fim, mas após 20 anos navegando pela psicanálise, as inquietudes políticas ainda acesas, retornei ao judaísmo. Contudo, percebi que retornava com uma outra perspectiva, já fascinado pela cultura grega e pelo Renascimento: descobrira, afinal, que havia outros povos eleitos! Esse regresso ao judaísmo foi estimulado por um grupo cristão de psicólogos e psiquiatras que me convidaram para dar palestras, com o que retomei os estudos bíblicos, do Pirke Avot e suas relações com a psicanálise. Organizei posteriormente o livro *A paixão de ser*¹⁵⁹, e isso me fez feliz. Entrevistei Alberto Dines¹⁶⁰, conversei com Nachman Falbel¹⁶¹, até mesmo o indispensável Aharon (Arale) Thalenberg¹⁶² de Bror Chail convidei para se juntar ao projeto, mas ele terminou não participando. Senti que minha identidade judaica mudara — estava mais suave que na época da *tnuá*, mas ainda viva. Após essa publicação, passei a ser convidado pelas organizações judaicas para ministrar palestras sobre Freud e o judaísmo, bem como sobre temas da sabedoria judaica.

O clima da *tnuá*, o entusiasmo com que se vivia, o sentimento de pioneiros, aquela certeza de sermos judeus de vanguarda e de que iríamos mudar a história do povo de Israel e do mundo nos dava um brilho especial. Tínhamos não só esperança na transformação da humanidade rumo a um socialismo democrático sem guerras, mas uma verdadeira fé inspirada nas mensagens de justiça social dos profetas bíblicos e dos pensadores revolucionários dos séculos XIX e XX. Não queríamos saber do poder da crueldade, a que me referi há pouco, e de como certos sonhos só servem para ser sonhados, pois não se viabilizam na prática. O ser humano é falho, é contraditório, às vezes egoísta, mas também é humilde e solidário; enfim, somos complexos, mais do que podíamos imaginar. Além disso, que sabíamos pouco do inconsciente, das pulsões, dos conflitos psíquicos, de como as contradições são constitutivas da personalidade. Apesar de nossa utopia não se ter realizado, de o socialismo estar sem rumo, não tenho dúvida de que viveria tudo outra vez. Claro que namoraria mais, teria viajado para Recife e daria as palestras que já haviam sido combinadas para aquele ano em que saí — quem sabe não teria feito um ano de Israel para aprender hebraico? Já nem sei se abandonaria o movimento naquele domingo; ao menos gostaria de fazê-lo de uma forma não tão melancólica. Demorei a escrever estas memó-

¹⁵⁹ *A paixão de ser – Depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1998.

¹⁶⁰ Veja suas memórias nesta coletânea.

¹⁶¹ Veja suas memórias nesta coletânea.

¹⁶² Arale nasceu em Wiesbaden, Alemanha. Ele e Lea Steinbaum, sua futura companheira, fizeram *Machon** em 1947, quando a Palestina ainda se encontrava sob mandato britânico. Eles chegaram com vistos britânicos e retornaram ao Brasil com carimbos do recém-criado Estado de Israel. Arale pertenceu ao primeiro *garin*, fazendo *aliá* em 1952. Intelectual, estudou filosofia judaica na Universidade Hebraica de Jerusalém. Preencheu funções educativas no *kibutz*, lecionou na Escola Regional *Shaar Haneguev* e na *Michelet Sapir*, Instituto de Estudos Superiores situado ao lado de Sderot.

rias, pois comecei a lembrar do passado, dos que morreram, das ilusões, do *kibutz* paradisíaco, dos *chaverim* que tantas saudades me deixaram. Percebi com o tempo que não era fácil retomar o passado, recordar o quanto amei a *tnuá*, e como ficaram distantes os sonhos juvenis.

Por fim, uma pergunta: o que gerava tanto entusiasmo nos jovens do Movimento Juvenil? Foram tempos pós-Shoah, quando 6 milhões de judeus foram assassinados só por serem judeus. Foram também os primeiros tempos do Estado de Israel, e vivia-se uma fase heroica do movimento sionista. Os jovens da *tnuá* eram os eleitos do Povo Eleito, a vanguarda que participaria da construção de uma sociedade socialista em Israel. Havia um claro sentimento heroico entre todos nós naquela época. Essa ideia me ocorreu quando recordei a despedida do primeiro *garin* para o *kibutz* Erez, décadas atrás. Não lembro o ano, mas recordo bem meus olhos de admiração pelos mais velhos que estavam concretizando os ideais do movimento. Acreditávamos no futuro invisível seguindo o primeiro patriarca do povo que criou o monoteísmo baseado na invisibilidade divina e na ética. Foi no movimento que aprendi a sonhar, e o sonho é uma palavra que segue até hoje fazendo parte de minha vida — agora também pela interpretação dos sonhos, que nos ensinou um judeu chamado Sigmund Freud.

Muitos dos sonhos da *tnuá* com o tempo revelaram-se impraticáveis, quando não se transformaram em pesadelos. A última surpresa que tive foi em 2008, quando Chico me disse que o *kibutz* Bror Chail não era mais um *kibutz*. De qualquer forma, penso que os ideais, ainda que se mostrem frágeis quando postos em prática, valem a pena ter sido vividos, pois foram baseados no humanismo e hoje integram nossas vidas. E temo de lembrar o quanto somos descendentes de um povo sonhador, que escreveu o Tanach, que criou uma nova mensagem à humanidade, prevendo sonhos como o do lobo que dormiria com o cordeiro, de que haveria paz total no mundo, entre tantos outros. Do passado devemos sempre aprender e não lamentar, e, por falar em aprender, creio que é necessário trazer o passado para o presente, não só para revivê-lo pessoalmente, mas para perceber como esse movimento enriquece o presente e, quem sabe, aponta para algum futuro. No caso do *Ichud Habonim*, sua história é um passado e um presente que seguem sendo escritos, como percebi agora, em 2009. No Clube de Cultura da cidade, no passado conhecido como o clube dos *roitiers* (vermelhos, os judeus comunistas), fui convidado a falar sobre o Gueto de Varsóvia, e na plateia havia vários *chaverim* vestidos com as camisas azuis com a fita vermelha, do *Ichud Habonim*, e fiquei feliz, é claro. A *tnuá* segue viva: é um movimento que integra a sempre movimentada e desconcertante história do Povo Judeu.

Uma última pergunta: os judeus são conhecidos como aqueles que gostam de perguntar e interpretar, desde a tradição talmúdica. E foi desta tradição que se valeu Freud, no seu livro mais famoso *A Interpretação dos Sonhos*, como escreveu Jacques Lacan em sua conferência “Transmissão e Talmud”, em 1978. Na verdade, todos os psicanalistas são viciados em interpretações — às vezes, até demais — e é assim que ganham suas vidas. Logo, não me contenho em perguntar: por que, desde que fui

convidado a escrever neste livro, logo pensei no título “O último *shabat* no movimento”? É inacreditável, mas não havia pensado nesta pergunta até aqui, e me permito arriscar uma explicação. O projeto deste livro soou para mim como uma retomada da vida *tnuati*, logo eu estou reiniciando de onde deixei, do último *shabat*, como se fosse uma separação temporária. Foi um longo tempo que durou 41 anos, um a mais do que os nossos antepassados precisaram para cruzar o deserto. Todo este tempo não foi um deserto, mas mentiria se dissesse que não senti falta do entusiasmo que se viveu no Movimento. Escrever este ensaio é como voltar em sonho ao distante passado numa máquina do tempo. Talvez eu retomasse outras separações que tive: a fé infantil no Todo-poderoso, a fé adolescente no sionismo, já de adulto a fé na revolução socialista e, finalmente, a idealização da psicanálise. Grandes fantasias que me ajudaram a conhecer tanto a mim como a sociedade, e que me levaram hoje a buscar no humor uma via de reflexão em busca do outro lado da seriedade.